

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

LISBOA, 5 DE JUNHO DE 1918

ANO II—N.º 47

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 570 || ANO 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA*

A QUESTÃO DA «CARRIS»

A Companhia Carris de Ferro, de Lisboa, depois de varias manigancias e habilidades, acaba de lançar um novo augmento nas tarifas.

Estamos de acôrdo em que a vida da companhia seja bastante peor do que nos tempos felizes, antes da guerra, quando embolsava milhares de contos, á custa do povo de Lisboa; mas como os seus preços já eram anteriormente elevadissimos, parece-nos que não deveria ser esse o recurso a conceder-se-lhe.

Bem sabemos que o acidentado da cidade a obriga a um maior dispendio de tracção e que a montagem das suas excellentes linhas tornou cara a sua construção, e d'ahi a cifra do juro a pagar ser mais elevada que n'outra qualquer cidade, mas por essa razão, não ha motivo para uma tão larga exploração ao publico, como a Companhia vem fazendo e que presente-mente agravou.

Depois o velho sistema, americano de *vender barato para vender muito*, é coisa que a companhia jamais comprehendeu, e d'ahi ter só em mira o explorar caro e com zonas tão desiguas, que chega a gente a duvidar, que houvesse uma Camara Municipal, que as approvasse. Se não veja-se: da Praça do Comercio á Rotunda, kilometro e meio, uma zona. Da Rotunda á Rua Thomaz Ribeiro, a 4.ª parte da distancia anterior, outra zona; d'ali á Avenida Duque d'Avila, equal percurso, nova zona. Do Campo Pequeno ao Lumiar, percurso semelhante ao primeiro, uma só zona!

E' aqui que se comprehende a exploração; porque se se dividisse em duas, a zona: Praça do Comercio-Rotunda, como era perto, muita gente ia a pé; mas para além, como tem que se tomar o carro, porque é longe, cobra-se caro.

Não ha em Lisboa, os bairros operarios que existem nas grandes cidades lá fora, e uma das razões que tem afastado muita gente de faze-los é a escolha do local, pois onde ha mais facilidade em os construir, no extremo da cidade, esbarra-se com a carestia dos transportes, que torna a renda carissima.

O grande progresso da Amadora, vem-lhe em grande parte do preço barato dos seus bilhetes, que era antes da guerra de 6 centavos em 3.ª classe. O progresso de Algés é devido á mesma razão. E ainda estas são localidades perfeitamente burguezas. Avallie-se o que seria se para o Arieiro, e Campo Grande a Companhia Carris estabelecesse *Carros do Povo*, e ainda uns bilhetes de ida e volta n'esses carros para facilitar, ao pessoal operario, a moradia n'aquelas localidades salubres e longe dos logares do vicio!

D'essa forma facilmente, n'esses vastos campos que vão do Campo Pequeno ao Arieiro ver-se-hiam lindos bairros operarios, onde tambem a passagem do caminho de ferro daria a mesma facilidade de transporte para os seus empregados e para os operarios que trabalham no Poço do Bispo, Beato e Marvila.

Outra coisa, que a Companhia tem feito e que só tem semelhante lá fóra, por uma forma absolutamente contraria, é a questão de aos domingos e dias de festa as carreiras serem mais caras.

Em toda a parte, aos domingos se proporciona ao publico umas viagens economicas, para que ele se desloque do centro da cidade e vá tomar ar. Aqui é o contrario.

Os caminhos de ferro, ainda até á

pouco tempo tinham a chamada tarifa 7-bis, em que por um preço muito em conta o publico ao domingo podia ir aos arredores de Lisboa passear. E o resultado viu-se, andarem os comboios sempre abarrotados de passageiros. A Carris de Ferro nunca olhou para isso.

Por esse motivo e pela teimosia de manter algumas zonas carissimas, nos permitimos ajuizar que a Companhia não tem á sua frente pessoas que dilatam as suas vistas a largos horizontes.

Em Madrid, as zonas tem uma base de 10 réis, e a carreira mais cara é de 40 réis.

Imagine-se se lá tivessem um serviço tão rapido e tão bem montado como o de Lisboa, os carros andariam a trasbordar de passageiros.

Ainda mais, a Companhia Carris de Ferro, é a unica grande empreza que dispõe do odio da cidade inteira, e das más vontades de quanta gente utilisa os seus carros.

Se esta empreza, andasse bem avisada, e fizesse umas carreiras do Intendente ao Arco do Cego e Lumiar, com *Carros do Povo*, outras por São Bento até ao Rato, e estendesse a do Caminho de Ferro ao Poço do Bispo; e com o mesmo serviço popular, alem d'uma boa intensificação de serviço Caminho de Ferro—Intendente-Belem, e ainda tornar a base para estes carros de 10 réis, e para os outros de 20 réis, elevaria consideravelmente as suas receitas, e ao mesmo tempo, intensificando o serviço dos seus carros, faria afastar das proximidades da Baixa, para os bairros distantes e mais salubres, muita gente, que ao ter de pagar uma nova renda de casa com os transportes, vive mal acomodado na parte central da cidade.

Desta forma a Companhia tornar-se-hia credora da simpatia do publico, que embora ela suponha o contrario, vale de muito, e talvez um dia terá occasião de o apreciar.

Praia de Espinho

HONRA-NOS hoje com a sua colaboração, descrevendo com inteireza e brilhantismo a formosa praia de Espinho, o Sr. Alberto Faria, ilustre jornalista que na Gazeta de Espinho tem afirmado o seu alto valor.

Alberto Faria, que é um devotado e entusiasta apologista do turismo em Portugal, acedendo muito amavelmente ao convite que para aquele fim lhe fizemos e obtendo o concurso da comissão de propaganda d'aquella Praia, para a cedencia das gravuras que acompanham o seu interessante artigo, presta um valioso serviço à causa que tanta sympathia lhe merece e um auxilio aprecivel á nossa modesta obra.

Consignando-lhe aqui o nosso perduravel reconhecimento, endereçamos tambem, á Comissão de Propaganda de Espinho, os mais rendidos agradecimentos pela sua gentileza.

THERMAS

DE S. PEDRO DO SUL

ESTÁ já concluída a represa no rio Vouga junto a estas thermas, e que forma um lago com mais de dois quilometros de extensão.

N'este ano teem, pois, os aquistas um excelente lago para desportos nauticos.

Tambem este ano, segundo nos dizem, será inaugurada a nova ala do balneario, onde foram montados os mais modernos aparelhos para o tratamento das afecções de garganta, e outras doenças. Os novos quartos de banho que são espaçosos e muito claros, dispõem de magnificas banheiras, e a nova sala de duches é um modelo de perfeição.

ESTRADA DE LORIGA

ESTÁ em via de conclusão a estrada de Valezim a Loriga na vertente oeste da Serra da Estrela. Esta estrada, uma vez que tenha continuação até Unhaes da Serra, forma uma cinta á volta da nossa mais alta montanha, que muito apreciada será pelo turismo automobilista.

A parte construída de S. Romão (Ceia) a Valezim desenrola um dos mais belos e surpreendentes panoramas da nossa terra, só com rival na Suíça.

A REGULAMENTAÇÃO DO JOGO

A regulamentação do jogo é, em Portugal, um problema um tanto ou quanto complexo; é uma questão delicada por natureza propria e pela conjugação que se impõe da defeza de sentimentos muito atendiveis com a de diversos e variados interesses, não menos a levar em conta.

É, porém, o assumpto para a causa do turismo — segundo o nosso modo de ver — de manifesta transcendencia. E este é o simples e unico aspecto porque o devemos e vamos encarar.

Sobre os immediatos efeitos da regulamentação do jogo no desenvolvimento da industria das viagens pelo nosso Paiz, crêmos não haver de boamente opiniões contrarias; pois se as phrases dadas á estampa traduzem simplesmente a sua logica interpretação, é certo que, senão todos, a grande maioria dos portuguezes e principalmente dos que se dedicam aos estudos positivos n'isso estão d'acordo. Ha, porém, um ponto em que as opiniões se chocam: é sobre as restrições a opôr. Aqui é que a concordancia não é absoluta. D'ahi — certamente — a demora que tem havido na resolução d'um problema que, para bem da humanidade, devia, de ha muito, estar resolvido. E quanto mais essa resolução se demorar, tanto maior será a dificuldade em a tomar.

Ora, para que todos assumam as respectivas responsabilidades e cada um que ao assumpto tem dedicado o seu estudo, não possa vir a ser acoidado de parcial ou de menos zeloso da sua dignidade, melhor será talvez junta-los todos e ouvir o resultado das suas discussões. Assim se facilitará a solução do problema. Se, todavia, se prevêr que nenhum lucro se auferirá d'esse procedimento, então resolva-se o assumpto por uma forma absoluta e sumaria.

O absolutismo é, na maioria dos casos, como que um grande remedio para um grande mal.

Emquanto, porém, não se lança mão de qualquer d'esses expedientes, vamos nós entreter a ociosidade — que é a mãe de todos os vícios — dando curso ás nossas idéas, pois a isso tambem nos julgamos com o direito que assiste aos outros seres pensantes.

Assim, analysando detidamente a questão, vemos que o pomo da discordia é, precisamente, o que nós acima citámos e que já calculavamos

que devia ser, quando se pensou na regulamentação do jogo. Esse *busilis* é a permissão de jogar-se nas cidades-capitais, isto é Lisboa e Porto, muito especialmente em Lisboa.

Comparadas as argumentações, bases das duas correntes de opinião, chegamos infalivelmente ao mesmo resultado; isto é: que todos teem razão, mas que nenhum procura a forma de se conciliar com o contrario sob a unica plataforma susceptível de agradar a todos — a dos interesses do Paiz, que sobreleva a quaesquer outras. Admitida que seja essa unica base, todos os interesses parciais, individuaes e especiaes, assim como as demais razões de variadas ordens, podem ser attendidas, desde que uma razoavel transcendencia se pronuncie, sem todavia reflectir abdicção de pensamentos, nem apostasia de sentimentos.

E o que nos exigem os interesses do Paiz?

—Vejam: Por um lado, a permissão do jogo nas cidades e, especialmente em Lisboa, é do mais nefasto prejuizo, quer moral, quer financeiro, podendo mesmo considerar-se uma verdadeira catastrophe — dizem uns, acrescentando que a sua existencia legalisada em nada contribuiria para o fim que a regulamentação deve ter em vista — que é o de atrahir a vinda de estrangeiros.

Argumentam, porém, os contrarios, que a sua supressão causaria um profundo abalo na situação economica de muitos que usufruem os seus proventos diarios nas casas cujo funcionamento, achando-se absoluta e completamente interdito pelas disposições do codigo vigente, está sendo tolerado pela mais pasmosa licença!

Entre estas syntheses das duas opiniões dominantes, facil é decidir. A segunda resolve-se por sua propria natureza. E para se chegar a uma conclusão clara do que pensamos a respeito, da primeira vamos produzir o melhor que podemos e sabemos e simplesmente guiados pelo poder do raciocinio, as ideas que argumentam a nossa decisão.

Se é certo que a regulamentação do jogo nas cidades em nada absolutamente influe para a importação de estrangeiros, não é, tambem, menos certo que a população fluctuante, muito especialmente d'aquelas que são portos maritimos não é, apenas, constituída por turistas.

Ha, na multidão cosmopolita que

vagueia pelas cidades ao sabor d'um qualquer instinto, uma heterogeneidade de temperamentos, uma manifesta diversidade de pensamentos e uma variedade de ideias, de interesses e de desejos que convém satisfazer e adivinhar para se proporcionar a sua facil realisação e se contentar tudo e todos.

D'uma fôrma geral, não se podem considerar as grandes cidades como pontos de demorada estada para os estrangeiros. Estes, ou as visitam transitoriamente, ou mais transitoriamente ainda por elas passam. Se o turista é o individuo que viaja por prazer e que por isso mesmo mais se preocupa com o que lhe deleite a vista e satisfaça os sentidos, empregando o seu tempo em conhecer o que ainda não viu, em apreciar as belezas naturaes e artificiaes e em examinar os usos e costumes e o pitoresco do paiz onde ocasionalmente se encontra, exercendo uma vida regular, methodica e higienica; os *comis-voyageurs* os *brasseurs d'affaires*, os funcionarios coloniaes que vão ou regressam ao seu paiz e, ainda, os que não sendo nada d'isso passam, no entanto, em transitio por qualquer cidade — e todos juntos constituem a maioria das populações fluctuantes — teem outro fito durante o tempo que lhes permite o momentaneo desembarque ou a rapida passagem. Estes procuram, de preferencia, dar satisfação aos seus caprichos, refreados pela imposição da viagem; effectivar os seus desejos, aguçados durante dias consecutivos de inanição; distrahir o espirito com divertimento estimulante, compensador da imobildade a que esteve circumscripto, durante o longo tempo duma travessia maritima.

Ora é, precisamente, nos curtos momentos da sua passageira estada, que se lhes deve proporcionar o maximo que eles desejem, satisfazendo-se com a celeridade da magia os seus mais exquisitos caprichos.

Para isso, — convençamo-nos — é preciso que haja um pouco de tudo e que... o resto ainda lhes appareça inesperadamente, para mais o encantar.

E se com os turistas que nos visitam para nos conhecerem ou usufruirmos da nossa privilegiada situação, devemos ter espezias atencões e cuidados extremos, os outros que passageiramente se encontrem no nosso meio não nos devem merecer menos interesse.



Antes da guerra, no porto de Lisboa entravam centenas de transatlanticos, cuja pequena demora, não dando

margem aos passageiros a alongarem-se nas suas visitas, permitia-lhes, todavia, uma estada rapida na cidade, que alguns aproveitavam em vêr os nossos monumentos e os muzeus que possuimos, e outros limitavam-se a simples passeios, ou em procura do que lhes pudesse causar maior distração.

Muitos outros, porém chegavam por terra, para, depois de curta estada, retomarem o seu caminho a bordo d'um vapor que aqui os esperava.

Na generalidade, todos esses estrangeiros procuravam aproveitar melhor o pouco tempo que lhes era concedido, distrahindo-se a seu bel-prazer. E se uns reservavam-se no prudente recato da sua respeitavel situação, a maioria queria gozar vida grande, alegre, estridente, de jantaras, theatradas e de noitadas. Muitos havia até, dos que especialmente chegavam por mar, que para se encherem melhor de gozo, dispensavam a comodidade d'uma noite de hotel e passavam as madrugadas vagueando pelas ruas em demanda do que lhes entretivesse o espirito, achando sempre, porém, falta de qualquer coisa. E precisamente uma d'essas coisas que eles não encontravam era a um logar onde se sentissem bem, *à son aise*; onde os odores das bebidas *rafinées*, enovelando-se com as espiraes de bons fumos, os narcotisassem e envolvessem ao mesmo tempo os acordes entusiasticos das musicas dançantes, e o gargarhar crystalino de niveas gargantas; onde o tilintar dos crystaes se confundisse com o do argenteo metal; onde a intimidade da vida mundana se mostrasse sob o aspecto de atração.

Era isso que a grande maioria d'esses nossos passageiros visitantes procurava e... não encontrava. Era essa a falta que elles sentiam e criticavam. Era a ausencia d'esse original divertimento, comum todavia, a todos os povos civilisados, que os impelia a dizer que a nossa cidade era, então, pouco divertida... para não dizerem estúpida.

Ora, se com os turistas ou com os estrangeiros de longa permanencia devemos ter os mais sollicitos cuidados e as mais carinhosas atencões, justo é, tambem, que, áqueles que transitoriamente nos visitam, lhes dispensemos egualmente as comodidades compatíveis e as atencões que eles nos devem merecer, para que nos estimem, para que digam bem de nós e, ainda, para que a sua rapida passagem nos deixe... lembrança palpavel e sonante.

Este é o nosso modo de vêr, e crêmos que teremos muito boa companhia.

Posta assim a questão, não pode deprehender-se que sejamos apologistas da regulamentação do jogo nas cidades, muito especialmente em Lisboa e Porto, onde ela produziria a immediata sequencia dos prejudicialissimos e nefastos efeitos que se teem ultimamente constatado, com a perniciosa licença consentida ás inumeras e imundas tavolagens que campeiam na nossa capital, e a impestam com o maior desafôro, o que constitue alem de tudo o mais, a prova mais cabal de uma requintada imoralidade. Mas o que não podemos deixar de defender é a existencia de *clubs* de noite, embora em limitado numero, onde o jogo seja permitido a troco das mais pesadas compensações em beneficio do Paiz.

Isso em nada afectará os interesses dos que se propuzerem explorar o jogo mediante as condições da sua regulamentação, e nenhuns prejuizos causará á nossa propria situação economica desde que ela seja defendida com intelligencia e criterio, tomando-se todas as medidas de sufficiente precaução para evitar qualquer possivel sophisma.

José LISBOA

GRANDE CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

Um dos acontecimentos desportivos que provoca sempre o maior interesse é o concurso anualmente promovido pela Sociedade Hipica Portuguesa. Essa prova, que é já hoje considerada no seu justo grau, representa um elemento de valor para a animação da nossa vida social e um facto a considerar na situação economica.

A' roda da vida turistica d'um paiz congregam-se os diversos e variados elementos que compõem os seus atractivos, que a tornam interessante, distrahida, atrahente e desejada, formando um todo agradavel que, por assim dizer, é o complemento de animação em volta do seu eixo principal. Por isso é com prazer que registamos sempre a realisação de qualquer certamen que contribua para proporcionar uma aprazível distração e para mostrar o nosso grau de desenvolvimento.

Está n'esses casos o Grande Concurso Hipico Internacional que brevemente se realisará, cujo resultado será, por certo, brilhantissimo, para o que a Sociedade Hipica tem empregado os melhores esforços.

PRAIAS PORTUGUEZAS

ESPINHO

SER o cantor das belezas naturaes e artificiaes da praia de Espinho, é uma custosa missão para que bando-lhe os seus edificios e aterrando a população, é das praias de Portugal a mais concorrida e a que

mais encantos oferece pela sua simplicidade adoravel, atraente para todos os genios, insinuante para todos os espiritos.

Em Espinho tudo fala; as inspirações brotam do seu suave socego, como a agua crystalina nasce nas fontes. O seu aspecto é senhoril, sorrindo gentilezas a cada estranho que a visita; grandioso e encantador, flo-



ESPINHO - ASPECTO DA PRAIA



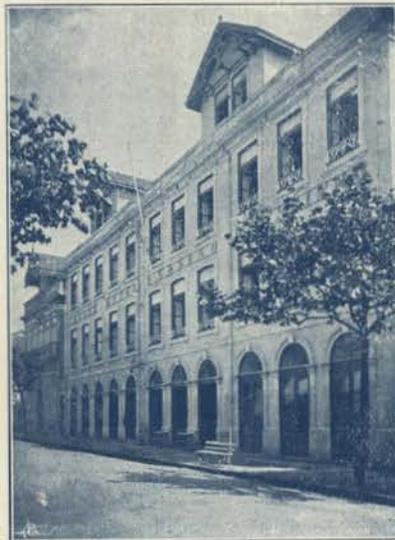
ESPINHO - A ARRASTA DA RÊDE

fui convidado, convite amavel que muito me honra e ao qual, apenas, posso corresponder com oportunidade, cantando com a minha voz debil, orphã da melodia que seduz, desirmada da harmonia que atrai e sem arrebatamentos que encantam, a belesa d'esta seductora praia — tão socegada e tranquila, a remirar-se donairoza no lucido espelho das aguas do mar, embevecida e silenciosa escutando as meloeias dolentes do mesmo em bonança, ou o bramir clamoroso do seu eterno porfiar.

Principio assim para me salvaguardar da sempre muito respeitavel critica; pois o que vou figurar representará toscas pinceladas sobre a preciosa tela da Natureza, que se impõe pela magnificencia dos assumptos.

*

Espinho, que o mar impetuoso, certa manhã de tormenta invadiu, derru-



ESPINHO - GRANDE HOTEL E CASINO

rido e alegre como as flores que lhe matisam as relvas e impregnam de perfume o seu delicioso ar.

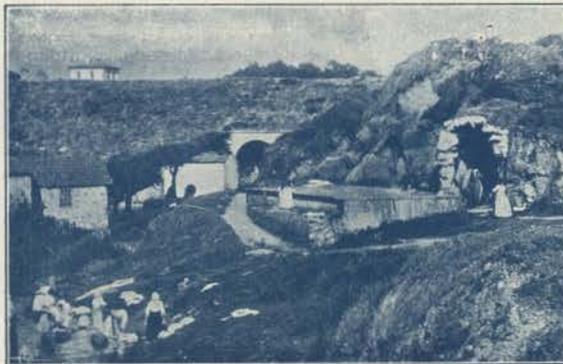
E' uma estância de banhos frios em belas condições higienicas e dotada d'uma magnifica constituição medica, impondo-se como uma das primeiras do paiz.

Está ligada á rêde geral dos telefones do Porto, d'onde fica distante 19 kilometros.

A sua iluminação é a luz electrica. Possui edificios elegantes e confortaveis, magnificos hoteis, ruas e avenidas espaçosas, bem orladas e alinhadas.

Além d'isto, Espinho tem casas admiraveis de diversões, como theatros, cinematographos, casinos, cafés e praça de touros. Os seus estabelecimentos commerciaes são importantes.

E' aqui que a linha ferrea do Vale do Vouga tem o seu termo, proporcionando assim aos banhistas das re-



ESPINHO - FONTE DO MÔCHO



ESPINHO - UM TRECHO DA VILA MARIA



ESPINHO—VILA MARIA, propriedade do sr. Eurico Pouzada



ESPINHO—BARCO DE PESCA entrando para o mar

giões proximas, conjuntamente com a linha da Companhia Portugueza, meios de condução facil.

E' ligada por estradas a todas as povoações visinhas, apresentando aos seus frequentadores e visitantes aprasiaveis passeios.

Todos os dias 1 e 16 de cada mez, tem uma feira, considerada a melhor do districto de Aveiro, na qual abundam sempre cereaes, frutas, artigos de ceramica regional e outras mercadorias necessarias á vida.

Os cafés mais importantes são o «Chinez» e o «Peninsular», onde na epoca banhar se realisam excellentes concertos.

Em edificios proprios e na parte mais nova da praia estabeleceram-se o «Grande Hotel e Casino de Espinho», que obedece ás mais exigentes condições modernas e que tem trezentos quartos; e um admiravel balneario, com todos os preceitos da hygiene, como outro não existe no paiz.

Espinho tem progredido tanto e

tanto que se considera hoje como uma das praias portuguezas que, á vontade, póde recolher o estrangeiro mais exigente e habituado á marcha do progresso.

Os arredores de Espinho são formosissimos, tendo logares pitorescos e atrahentes, extensas campinas, montes de indizivel encanto, que o banhista curioso não deve deixar de visitar, bem como não deve deixar de visitar a «Barrinha de Esmoriz», «O Convento de Grijó» onde as ornamentações em estylo Manuelino que ali se admiram, são de incomparavel arte e denunciam o vigor de uma raça em plena epopeia de grandeza. O «Castelo da Feira» é tambem um dos pontos soberbos, e todos esses logares selectos são verdadeiras maravilhas da Natureza.

Espinho é bem a praia dos namorados, pois o luar que a banha na tristeza e na vastidão do Oceano, traduz-nos uma pagina de imensa saudade, porque

o tão grande quadro de beleza que representa, tem a adornal-o a voz plangente de trovadores misteriosos que ao som da guitarra revelam a pureza dos seus amores!

As suas noites tomam taes proporções de phantasia, que nos transportam aos doces dominios da Chimera e



ESPINHO—INTERIOR DA SALA DE JANTAR DO GRANDE HOTEL E CASINO

A formosa praia possui, além da industria da pesca pelas rêdes d'arrasto e barcos costeiros, varias fabricas de serração, de rôlhas, de papel, de fundição de ferro, e a afamada de conservas, propriedade da firma Brandão Gomes & C.^a.



ESPINHO—AVENIDA OITO



ESPINHO—UM TRECHO DAS NOVAS EDIFICAÇÕES

ás candidas historias da Fabula. Os canteiros, macissos de verduras e de rosas, dos jardins dos chalets, embalsamam a alma n'um doce perfume que enebria e dulcifica.

Espinho, é uma praia moderna, elegante, chic, e não nos admira que de todas as nossas praias ela seja a

mais preferida, e isto porque nem todas oferecem os seus encantos e a sua poesia, que nos dá a impressão de requintada beleza, que nos emociona a alma e nos toca o espirito.

ALBERTO FARIA.

ESPINHO—Maio 1918.

FITAS PORTUGUEZAS

QUELUZ—CINTRA—MONSERRATE

UM auto leva-nos velozmente pela estrada de Cintra, n'aquela manhã de fim de março, fresca e doce com um sol que subia alegremente desamparado de nuvens. Iamos fazer a primeira fita para a propaganda lá fóra. Da pequena missão faziam parte além do operador da casa Pathé, de Paris, e eu, dois grandes vultos do turismo: Magalhães de Lima e Dr. José d'Athayde.

Os primeiros aspectos da viagem foram tomados no palacio de Queluz.

A magestade grave do historico monumento impressionou tanto o operador, que fê-lo passar pela pelicula em todos os seus aspectos e em todos os seus detalhes.

N'uma vertigem de 50 quilometros á hora, chegámos a Cintra, e uma hora passada, entramos no famoso parque de Monserrate.

O que ali se passou não se descreve; era necessario ter lá ido. René Moreau que viajára pelo mundo inteiro, ficou deslumbrado ante aquela maravilha; e á maneira que caminhava pelas ruas onde as sebes dão uma frescura suave e a agua cantante dá uma alegria moça, mais ele se dilatava em exclamações.

Montou o aparelho e foi um nunca acabar de impressionar quadros da mais ridente beleza. Aquí eram as palmeiras aguçadas ao ceu como n'um desafio aos elementos; além eram as arvores exóticas exalando o seu perfume rescendente; agora eram os lagos onde os cysnes nadavam na doce paz do silencio bucolico; depois os fetos gigantes na humidade lenta das grutas.

O arvoredo compacto que cobre uma larga parcela do parque, fez exclamar a Moreau toda a sua admiração pela nossa terra, e não teve duvida em dizer que os parques do Ceylão, do Japão da India, da Australia nada eram ao pé d'aquello maravilhoso conjunto de tão raras especies. Depois aquelle sol tão lindo que transformava em furtacões as ramadas, baluçando á fresca brisa do mar, punha

uns tons de tão sonhadora phantasia que todos nós nos abstraíamos de tudo para louvar, para engrandecer a enchada devota que plantou aquele ninho de fadas.

Dr. Magalhães de Lima, parecia tambem deslumbrado e atirava exclamações a esmo, e a sua face parecia remoçar por aquele contacto da natureza tão alegre e tão viva.

Dr. José d'Athayde, que é um bucolico, um virgiliano, por vezes se pousou nos varios bancos do parque em extasis contemplativos, em adoração aos ramos bemditos.

Moreau não descansava, e, como queria imprimir movimentos ás suas operações fez andar n'uma roda viva os trabalhadores do parque, e até a nós mesmo, para que dêssemos aos quadros a nota humana, que sem ela,—já Eça de Queiroz, notou, nos seus admiraveis conceitos, que a paisagem mais bela e mais surpreendente sem a nota humana de nada vale—é como um quadro sem cor.

A' tarde quando sahiamos do parque, o operador já com vinte quadros feitos de Monserrate, ainda quiz tirar mais dois, mas a distancia, quando o famoso palacio se eleva como um diamante engastado em arvoredo mais denso do que musgos, e onde o sol que descia, punha faiscas d'oiro. O palacio de Cintra, que mãos de artista desafogaram de uma má visinhança de casebres, e agora aparece com toda a sua vetusta magestade, passou tambem pela pelicula, primeiro sósinho com toda a sua gravidade, depois entre o alegre casario de Cintra.

Regressámos a Lisboa, mas o operador não queria só paisagens e monumentos, queria tambem impressionar typos e costumes, que segundo ele afirmava, constituíam na sua curiosidade, o melhor atractivo dos turistas, e junto á Amadora um rancho de saloias mandavam trigo, maneijados por um rapazola de barrete escarlate.

Dirijimo-nos ao homem, na sua qualidade de chefe, para que as raparigas

tomassem uma posição propria e natural para sahirem na fita.—Nã senhor quem lhe paga é o *mê* patrão é *p'ra* mandar. Observamos-lhe que não demoraria mais de dois minutos, e que as raparigas como eram bonitas deviam ficar bem na photographia.

Com este lisongeiro elogio, as saloias ruborisaram, mas o *mandante*, pondo em nós um olhar atrevido, recalcitou:—Que eram bonitas mas que eram lá para eles. Mas, naturalmente, as saloias tinham tomado um logar mais proprio e o operador montando o aparelho rapidamente, começou a dar á manivela. Tudo estava bem; as mondadeiras, trabalhavam bem á vista da machina, e um moinho de vento ao fundo panejava as suas grandes azas brancas, formando um quadro encantador; só o saloio permanecia espetado como um pinheiro, com a sachola sob o sovaco do braço. Pedimos-lhe que trabalhasse, que cvasse tambem um pouco, para dar vida ao quadro. Este pedido irritou o homem:—Quem me paga é o *mê* patrão, e não me manda cavar e vem *vocês* agora a mandar-me trabalhar. Vão se embora que é já os *nan* vejo *bêm*.

Fez-se o quadro sem ele, e deixando o animal com a sua birra, partimos para Lisboa, todos com consciencia perfeita, de um dia bem aproveitado.

GUERRA MAIO.

SALUS-HOTEL

ESTÁ quasi concluido este novo hotel, junto á fonte de Salus, em Vidago, e pertencente á empresa que explora aquelas aguas.

O novo edificio, que é dotado de todo o conforto proprio d'um hotel-thermal, já em 1 d'este mez começou a receber hospedes n'uma larga dependencia concluida.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliothecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñar, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.

Concurso Internacional de Law-Tennis

UM facto de grande importancia acaba de agitar o nosso meio desportivo: é o Concurso Internacional de Law-Tennis, que foi disputado este ano com invulgar interesse. A escassez de espaço com que lutamos actualmente, não nos permite dar d'este uma desenvolvida resenha, como fizemos do concurso realisado em 1917. Todavia não podemos deixar de dizer que as provas que acabam de reaiisar-se excederam em brilhantismo a expectativa entusiastica que os precederam, não só pelos resultados obtidos, como pela importancia que esse certamen ofereceu, e que se traduz por um facto de consideravel apreço para o nosso meio social.

Portugal e Bretanha

A Sociedade «Propaganda de Portugal» procura estabelecer relações entre o nosso Paiz e aquela provincia franceza.

ESTÁ dito e redito que é durante a guerra que se deve fazer tudo para se preparar o depois-da-guerra. Os povos que se esquecerem do papel que podem desempenhar no mundo depois de feita a paz são, fatalmente, povos condenados a não verem jamais a sua actividade suficientemente desenvolvida, nem a terem nunca valorizadas as suas riquezas. E' certo que a guerra absorve todas as atenções; mas, nem apezar d'isso, os povos em guerra ou os que se encontram fóra d'ela, tem o direito de se esquecer das suas prosperidades, como não tem o de pôr de lado tudo o que pôde impô-los á consideração dos outros. Foi por assim pensar que a Sociedade «Propaganda de Portugal» tratou de fundar o ano passado, lá fóra, instalando-o em Paris, o seu primeiro «Bureau de Renseignements». E não está arrependida d'isso. E' que, além d'outros serviços importantes que esse organismo prestou já, cumpre citar especialmente o que provem do facto de tenderem para um estreitamento que não pôde deixar de ser utilissimo, as relações que começou a estabelecer-se entre Portugal e a Bretanha, essa encantadora, pitoresca e tão caracteristica provincia franceza, onde o turismo se tem desenvolvido extraordinariamente, e onde a industria do forasteiro se exerce em base as mais modernas e com o mais lisonjeiro proveito. Os aspectos da terra bretã, o caracter da gente que a habita, o seu clima, o seu litoral, as suas principais riquezas e recursos, tudo isso tem com Portugal as maiores afinidades e semelhanças. Com communicações faceis entre os dois paizes, estabelece-se uma interessantissima corrente de interesses de toda a ordem — comerciais, industriais, intellectuais e artisticas. Nós podemos revelar a Bretanha aos portuguezes, facilitando-lhes viagens baratas a essa maravilhosa provincia franceza. A Bretanha por sua vez, pode prestar-nos magnificos serviços, desde que canalise para Portugal parte das muitas dezenas de mi-

lhares de estrangeiros que a visitam todos os anos, vindos de todas as partes do globo. A aluvião de americanos que ali desembarcam, se fôr encaminhada para este extremo occidental da Europa aqui virá tambem. As gentes do Novo-Mundo, que deixarem em Lisboa os grandes paquetes, dirigir-se-hão sem dificuldade, para o delicio: o paiz bretão, se nós lhe proporcionarmos, viagens commodas e economicas. Pode isso ser? E' possivel, desde que se trate de o conseguir com boa vontade e senso pratico. Para isso basta fundar na Bretanha postos de informações, nos quais se forneçam, sobre Portugal, todos os esclarecimentos que possam orientar e guiar os viajantes, dizendo-se-lhes o que mais digno de ser visto e admirado possuímos apontando-se-lhes tudo o que os interessa, organisando-se-lhes itinerarios, fazendo-os percorrer, em pouco tempo e por pouco dinheiro, a nossa linda terra, que tanto tem que vêr e que admirar. Ora, essa larga obra de propaganda já está em parte realisada, visto existir já, em Dinard, um

posto de informações, de que se encarregou o banqueiro Jules Boutin, que pelas suas relações e pela sua actividade, bem pode denominar-se o Cook bretão. Em Rennes, procura-se fundar, na Universidade, uma cadeira de estudos portuguezes, tendo já sido distribuidos n'essa cidade muitos prospectos e cartazes vulgarisadores da nossa terra. Em Lorient, vae tambem o sr. Boutin fundar, sob a sua direcção, outro posto para fornecer informações sobre Portugal. Dada a situação especial d'esse porto, que é a testa de várias linhas de navegação, devemos esperar d'ahi relevantes serviços. A boa semente está lançada, e na terra bretã deve dizer-se que foi recebida com verdadeiro alvoroço. Em Portugal terá de acontecer o mesmo, visto o interesse de nós todos consistir em contribuir o mais possivel para que se estreitem intimamente as relações entre Portugal e o paiz bretão, tanto os dois podem auxiliar-se na obra de prosperidade que tem de começar a lançar-se para depois da guerra.

ARTE E LITERATURA

PERGUNTEI A UMA ANDORINHA...

DE ARMANDO FERREIRA

—O' andorinha, aza negra,
Minha inveja, minha estima...
Porque andas junto do ceu
Diz-me o que vês lá por cima.—

—«Vejo o meu ninho estreado
Meus filhos rodopiando;
E o azul, o lindo azul
Em que me sinto vogando!

—«O' andorinha, aza negra
Que minh'alma reanima;
Sobe, sobe e lá pelo ceu
Diz-me o que vês mais a cima.»—

—«Vejo a imensidão sem fim
De tudo grande e sublime,
Ar tão puro, que embriaga
Sol bendito que redime!

—«O' andorinha, aza negra
Que lá do ceu me aproxima;
Sobe mais e muito alto,
Diz-me o que vês, mais acima.»—

—«Vejo azas dos condôres
Cortando o rumo dos ceus;
Mais altos, vogam os sonhos
Batendo ás portas de Deus.»—

—«O' andorinha, aza negra,
Que meu ser tanto sublima;
Mais alto, muito mais alto
Diz-me o que vês, linda a cima.»

—Escuta, incorrigivel
Poeta perguntador;
Vejo mais alto—mais alto
O teu primeiro amor! »

NÃO SABER LÊR!

DE MARCELINO MESQUITA

*Não saber lêr é andar,
Por este mundo, ás escuras;
E' sêr a mais infeliz
De todas as creaturas.*

*O pensamento do homem,
Desde que um dia pensou;
Como viveu pela Terra,
Os trabalhos que passou:

O seu colossal estudo,
De centos, de milhares, d'anos,
Que enche de orgulho a noss'alma,
Que enche de medo os tiranos;*

*As suas altas conquistas,
Na Bondade e na Moral,
Que abriram no peito humano
Um Amor Universal;*

*Tudo o que viu e que vê,
Que analisa, estuda e sonda,
Para que todos o saibam,
É escrito em letra redonda.*

*E vêr... e não saber lêr!
É viver dentro de um pégo,
Ter por morada uma jaula;
É sêr rico e andar á esmola,
Ê, tendo vista, sêr cêgo!*

.....
*Bendita a casa da Aula!
Bendita a casa da Escola!*

A POVOA DE VARZIM

A igreja de S. José

FALAR da pitoresca vila - Povoia de Varzim - é falar de uma das terras mais progressivas do país; de uma das mais lindas praias de Portugal; de uma das mais ativas, trabalhadoras e das mais progressivas, que este lindo torrão ocidental encerra!

A Povoia de Varzim! Das mais pitorescas terras do norte de Portugal.

Eis a que nos levou o termos de falar da nova igreja de S. José, começada a construir na avenida Mousinho d'Albuquerque; quina da rua do Norte.

Não pára: a ancia de progresso n'aquella terra genuinamente portugueza. Ha pouco projectava-se a grande avenida marginal, de que esta revista já publicou o belo projecto. Trata-se agora de um Mata-douro e de um Liceu, cujos projectos já se acham no Conselho Superior de Obras Publicas, para receberem aprovações, e agora vae-se construir um novo templo, mais uma obra de arte, pois é uma construção em estilo romantico-bizantino, mais ou menos modernizado.

Mas, isto tem uma historia, que vamos contar.

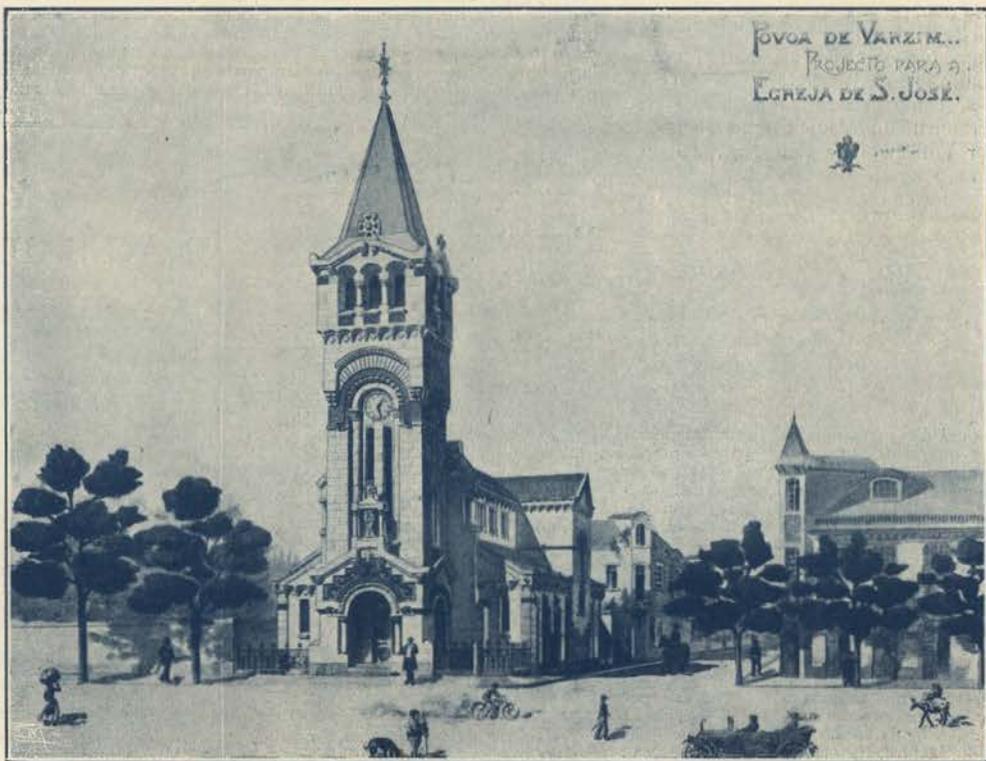
Existia no centro do Passeio Alegre uma capella dedicada a S. José de Ribamar, muito da devoção da classe piscatoria, contando-se até antigas anedotas, uma das quais, que as mulheres dos pescadores, quando as barcas estavam em perigo, na barca d'um buscar o santo para cima do paredão maltratando-o com pedras e areia quando os barcos corriam risco; conduzindo-o em procissão, quando o naufrago, se salvava.

A colonia banhista frequentava tambem muito essa capella, que nada tinha de artistica e que estorvava a vista n'aquella local.

As camaras tinham tentado, por vezes, expropriar-la, mas encontravam grandes dificuldades, até que veio a mudança do regimen politico e cedeu á confraria a antiga

capella do Coração de Jesus, que tinha sido construida pelos jesuitas, com a condição de ser demolida aquella.

Ficou, porém, o bairro norte sem capella. Entãc, uma comissão de senhoras, da vila, presidida pela esposa do Ex.^{mo} Sr. David José Alves, a quem a Povoia de Varzim, deve os seus principais melhoramentos e



todo o seu progresso, tomou a seu cargo organizar donativos para a construção de um novo templo, escolhendo o local já atrás indicado, que foi adquirido, tendo, o projecto sido obsequiosamente feito pelo illustre architecto de Braga, o sr. João de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça.

A igreja é feita em cantaria e tijolo e deve ficar uma das mais lindas do país.

Eis o que se nos ofereceu ensejo de dizer a proposito da linda terra portugueza, a Povoia de Varzim, sobre mais um belo edificio, que mais a vae embelezar.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da Revista de Turismo, deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.

Nova estação de inverno e de cura d'ares

A 500 metros de Gouveia, na encosta da Serra da Estrela, está o sr. Pedro Boto Machado, importante capitalista de S. Thomé, construindo uma estação de inverno para cura de ares e para repouso, estando já varios chalets concluidos e outros em construção. A situação é magnifica, pois além d'um excelente e vasto panorama que se disfructa sobre o vale do Mondego, a nova estação ocu-

para um extenso parque, que está sendo plantado e ajardinado. Uma estrada magnificamente lançada atravessa o parque, proporcionando pelos lacetes de que é formada, uma serie de panoramas interessantes.

A' entrada do parque passa a estrada que de Gouveia, conduz á Serra da Estrela e Manteigas.

Capas para encadernar o 1.º ano da Revista de Turismo

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «Revista de Turismo».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1860 (mil e seiscentos réis); fornecendo-se só as capas por 1820.